

# MATERIAL DIGITAL DO LIVRO DO PROFESSOR



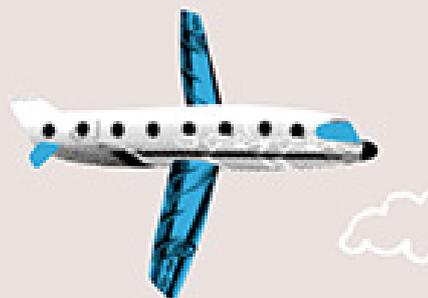
LIVRO DO  
PROFESSOR



GUILHERME KARSTEN

EQUIPE PEDAGÓGICA:  
REBECA ALBUQUERQUE  
E TÂMARA BEZERRA

# SUMÁRIO



I — De professor para professor **3**  
(Uma carta para dialogar com a professora ou o professor)

II — História, pra que te quero? **4**  
(Teoria literária)

III — Conhecendo um mundo de histórias **6**  
(Contexto do escritor e ilustrador)

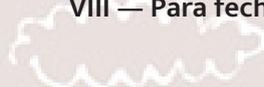
IV — Vem que eu leio uma história! **8**  
(Estratégias de interação verbal)

V — Ouvindo, vendo e vivendo a história **16**  
(Leitura dialogada)

VI — A história e seus múltiplos campos de experiência **18**  
(Modelagem da aula)

VII — Conta de novo: uma história de afetos em família **20**  
(Literacia familiar)

VIII — Para fecharmos a roda com referências bibliográficas **22**





# I — DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

## (UMA CARTA PARA DIALOGAR COM A PROFESSORA OU O PROFESSOR)

Professora, professor,

A escrita deste material é motivada pela alegria de estabelecer um diálogo sobre as palavras encantadas proferidas pelo mediador de leitura que conquistam afetivamente novos leitores literários.

Ao ler a história do livro *Aaahhh!*, de Guilherme Karsten, você despertará percepções plurissignificativas de acordo com o repertório de cada criança. Isso será possível porque a narrativa vai provocar a curiosidade de desvendar o mistério do barulho, simbolizado pela onomatopeia que se repete ao longo da história: “aaahhh!”.

A leitura em voz alta favorece a compreensão do universo empático e vincular da literatura e contribui com o trabalho de mediação de leitura de obras literárias, por meio do encantamento pelas palavras e, principalmente, pelo desejo de fortalecimento da arte literária. É importante para garantir a permanência da magia das palavras no universo infantil dos leitores literários emergentes: as crianças.

Para formar crianças que gostem de ler e vejam, na literatura, uma possibilidade de divertimento, Gládis Kaercher (2001) destaca que é preciso ler com alegria, por diversão; brincando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos — colorida, significativa — que é a nossa história de leitura.

Costurando essas histórias, que possibilitam acreditar e realizar tudo ou quase tudo, é possível propor momentos preciosos para as crianças: ler a história ou recontar a história com estratégias de oralização e interação verbal.

A proposta, aqui apresentada, faz um convite a passeios por paisagens literárias com leituras dialogadas, textos e imagens que revelam a vida humana por meio do mundo plurissignificativo da literatura, ou seja, é mais uma forma de fortalecimento pelo princípio da humanidade mediada pela palavra com a criança.

Nessa relação, por meio do livro do Guilherme Karsten, convidamos você, professor ou professora, a uma jornada literária que acontecerá a partir do elemento-suspense “aaahhh!”, que, ao final, é revelado com muito humor.

Vamos ler um livro, contar uma história e brincar uns com os outros?

## II — HISTÓRIA, PRA QUE TE QUERO?

(TEORIA LITERÁRIA)

*Tanta história, tanta coisa bonita  
tudo ali, ao alcance das mãos,  
a leitura a levava a qualquer parte  
de mãos dadas com a imaginação.*

Gustavo Finkler

Até os dias de hoje, comunidades tradicionais narrativas contam histórias. Porém, no contexto atual, as partilhas narrativas acontecem em situações sociais diferentes daquelas em que os ouvintes não eram separados por idade, portanto, a ancestralidade narrativa nos lembra que o conceito de literatura infantil é recente.

Compreender a oralidade como gênese de todo o acervo literário da humanidade nos conduz à importância do estabelecimento de uma relação das crianças da sociedade contemporânea com o universo literário por meio da leitura em voz alta. Esse contato amistoso e vincular costuma ser promovido seja por meio da escuta de histórias contadas de memória ou lidas em voz alta, por um sujeito que apresenta esses textos de forma envolvente e comunicativa.

Segundo Nelly Novaes Coelho (1997, p. 24), “A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. O argumento da autora nos ajuda a compreender que os textos literários, orais e escritos, criados ou adaptados para o universo infantil, narram a vida humana e pertencem ao grande legado da humanidade e, por essa razão, merecem que o contato desde a mais tenra infância seja promovido por situações vinculares, em especial, por meio da escuta desses textos, embalada pela voz de um educador comprometido com os aspectos de literacia<sup>1</sup> e vinculado ao universo das palavras encantadas que a literatura é capaz de acessar.

Nesse acesso, existe a oportunidade de sugerir a experiência de contar histórias para grupos de ouvintes no ambiente escolar, em especial para bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas; a partir da escolha de textos de qualidade expressiva, bem como do preparo para sua apresentação, que passa

---

1. O conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a leitura e a escrita e sua prática produtiva.

por compreender a melhor forma de apresentar palavras e imagens, a partir da tomada de consciência do professor-mediador.

O papel fundamental da figura desse professor-mediador de leitura, mais especificamente o sujeito que lê em voz alta para crianças, pode ser identificado na obra de Roger Chartier (1996, p. 89), quando este afirma tratar-se de “uma figura marcante em toda história da leitura.” Percebe-se que a oralidade guarda, em sua essência, um saber ancestral que só resiste pela palavra viva, ou seja, a atuação do sujeito que a conta e perpetua oralmente. Chartier (p. 89) afirma que o pai, a mãe, o educador são “figuras orais que estão historicamente presentes na vida das crianças, mediando o acesso à leitura e à mensagem do texto”. Segundo ele, essas figuras da oralidade contribuem de maneira específica para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de compreensão dos textos por parte das crianças.

A obra de Chartier (1988, p. 143) revela o papel fundamental de se ouvir leituras em voz alta, visto que “alimenta uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos”. O autor afirma que “a leitura em voz alta alimenta o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, do encontro casual, ou ainda, para passar o tempo” (1988, p. 143). A partir dos argumentos, a ampliação de situações de leitura em voz alta, em práticas escolares, deve ser associada à fruição e à convivência.

Essa experiência leitora é uma excelente oportunidade para que as crianças adquiram diversas habilidades referentes ao uso social da língua, os aspectos de sua composição linguística, como seus valores fonológicos, e habilidades metalinguísticas a exemplo da consciência fonêmica<sup>2</sup> e a consciência fonológica,<sup>3</sup> por exemplo.

Escrito em diálogo direto com os objetivos pedagógicos e metas preceituadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o presente material aponta a relevância da leitura da obra literária de forma que as crianças possam “passar” por uma história, conhecer personagens, paisagens e acontecimentos presentes na narrativa e para além delas; sempre partindo de um investimento no potencial empático que um texto literário possui.

---

2. Habilidade da comunicação oral que consiste em conhecer e manipular intencionalmente as menores unidades fonológicas da fala, os fonemas e sons que constituem aspectos da comunicação.

3. Habilidade mais abrangente da comunicação oral, que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral, tais como palavras, sílabas, aliterações, rimas e outros sons.

# III — CONHECENDO UM MUNDO DE HISTÓRIAS

## (CONTEXTO DO ESCRITOR E ILUSTRADOR)

*Ao redor da árvore, outras crianças faziam uma ciranda. Essas não sabiam ler. Por que estavam alegres e dançavam? Era porque tinham certeza de que a sua vez chegaria. Todas, uma por uma, iriam ser alfabetizadas e, muito mais que alfabetizadas, carinhosamente introduzidas, por mãos amigas, no mundo mágico da leitura.*

Fernanda Lopes de Almeida

Era uma vez um menino chamado Guilherme Karsten que nasceu em 1982, em Blumenau, Santa Catarina, sul do Brasil. O menino ficou adulto, vive lá até hoje e trabalha brincando com palavras e imagens. Ele escreve e ilustra livros para crianças de todas as idades. O leitor de Guilherme é convidado a mergulhar em uma espécie de universo lúdico, em que palavras formam imagens na cabeça de quem lê e ouve sua história, já as imagens que ele desenha, só faltam falar! Seus livros são publicados na América Latina, na Europa e na Ásia. Além das próprias obras, Guilherme também ilustra livros para outros escritores.

Em 2019, Guilherme Karsten ganhou dois importantes prêmios internacionais: na categoria Placa, da Bienal de Ilustração da Bratislava (BIB), onde foi o único brasileiro premiado; e o Golden Pinwheel, da Feira Internacional do Livro Infantil de Xangai (China), com o livro *Aaahhh!*, este que estamos apresentando aqui pra vocês.

A obra, a segunda como escritor e ilustrador, foi lançada na Inglaterra e, neste momento, tem o prazer de conhecer a edição brasileira e partilhar a criativa e divertida história de Guilherme Karsten com suas crianças.

Em entrevista, o autor fala do contexto de criação dessa obra:

*Aaahhh!* é um livro muito especial. Difícil comentar sobre o processo sem dar spoiler do roteiro. Após escrever *Carona*, estava em busca de uma nova história. Tenho na cabeça que as histórias estão por aí e é preciso sensibilidade, repertório e capacidade de olhar os acontecimentos por diferentes ângulos. Foi aí que aconteceu. Ouvi um berreiro no prédio onde moro, eu estava na garagem e comecei a subir as escadas [...] surgiu assim. Aumentei um pouco os fatos e mudei o final, com a ajuda de um amigo também autor, o Pablo Lugones. [...] Outra coisa que sempre me interessa são os títulos. *Aaahhh!* é um nome difícil de pesquisar em plataformas de busca, difícil de expressar e mesmo assim me interessava muito, dizia tudo e não se entende nada ao mesmo tempo, passou no meu teste (BROSSI, 2019).

O livro *Aaahhh!* permite uma intertextualidade com um dos textos do consagrado escritor brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós: *Ah! Mar*. Trata-se de um poema em prosa que revela o amor e o desejo de encontrar o mar, os dois textos dialogam com o nosso desejo de que muitas outras onomatopeias possam ganhar sentido por meio de sua mediação. *Aaahhh!* será uma alegria.

Também sugerimos que visite o site do autor ([www.guilhermekarsten.com](http://www.guilhermekarsten.com)) e descubra mais sobre seus outros trabalhos, bem como a potência de sua criação plural que revela a valorização de uma infância repleta de simbolismo e significado. Seus livros representam um convite ao trabalho do mediador de leituras que partilha ilustrações e lê textos em voz alta, para que as crianças possam voar!

## IV — VEM QUE EU LEIO UMA HISTÓRIA!

### (ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO VERBAL)

*A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. Posso ler deitada, sentada, em qualquer lugar, pelos mais variados motivos, mas faço sempre parte de um todo, sou um elo que ajuda a compor mundos e construir liberdades.*

Vera Aguiar

Para a leitura de uma história, há uma interação leitor-texto, a partir do comprometimento do educador enquanto mediador, ou seja, um processo de busca por elaborar propostas plurais pensadas para a promoção da leitura de obras literárias com crianças, que, estando em processo de letramento, encontram na narração oral um espaço de acesso às obras.

A BNCC destaca que se deve dar especial atenção aos recursos da narração oral,<sup>4</sup> uma vez que eles cativam e convidam o ouvinte-leitor para a exploração criativa dos textos literários:

Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos) à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos (BNCC, 2017, p. 138).

Podemos afirmar que, entre o livro e o leitor literário em processo de formação, existe um agente muito importante chamado mediador de leitura, o responsável por provocar o desejo pelo livro. É o condutor da viagem que leva à satisfação com uma história, e quem fará dessa ação uma atividade de pleno favorecimento da interação social vivenciada por meio de experiências coletivas com

---

4. Recursos performáticos adotados pelo contador de histórias, seja ele tradicional ou artista, que envolve a sonoridade das palavras, a expressividade gestual e as múltiplas competências empáticas e relacionais desses narradores orais.

a leitura e a compreensão dos textos. Dessa forma, sugerimos estratégias para interação verbal, por meio da oralização de livros realizada por professores de bebês, crianças pequenas e crianças bem pequenas, de forma que possam ouvir, ver e viver essas obras.

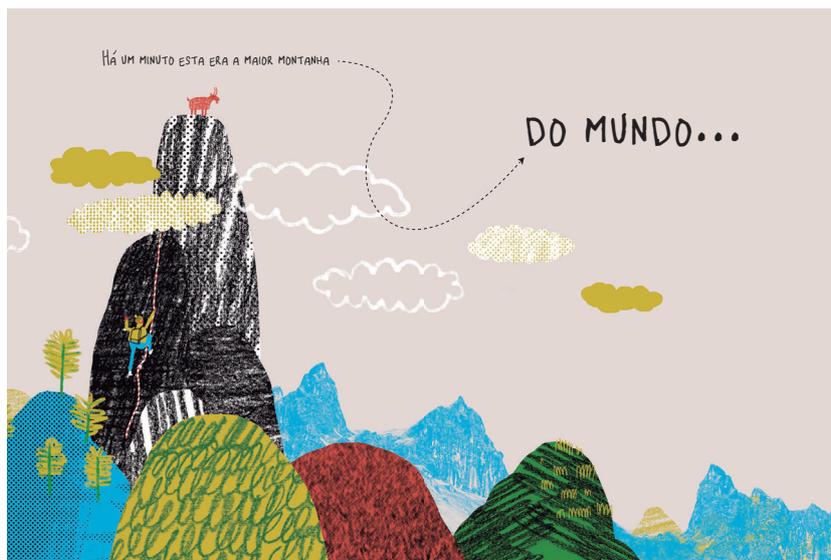
O livro *Aaahhh!*, ilustrado e escrito por Guilherme Karsten, é um texto extremamente envolvente para pequenos apreciadores. A obra inicia curiosamente com a onomatopeia que dá nome ao título, uma excelente oportunidade de investir na ampliação do vocabulário desses ouvintes, por meio da provocação criativa que a obra carrega. Portanto, logo ao apreciar a capa, percebe-se o convite para o emprego de estratégias de interação verbal, por meio de elementos de intenção narrativa, que reúnem recursos orais como entonação e modulação da voz, pausa e inflexão; de modo que o uso desses possa ampliar o sentido do texto, desde a sua apresentação.

O humor provocado pela brincadeira expressiva entre texto e imagem pede do mediador uma constante mudança de uma entonação para outra, chamada de recurso de inflexão da voz, para apontar as mudanças narrativas que o texto sugere. A onomatopeia do título percorre toda a história, exigindo a recorrência de emprego do mesmo recurso, de forma que os ouvintes permaneçam integrados à jornada de sua apreciação e compreensão.

A necessidade da inflexão da voz pede que o mediador recorrentemente também faça o emprego de pausas, de forma que o ouvinte perceba a transição da voz do narrador para a voz da narrativa, presentificando personagens.

A repetição da letra “a” que remete ao grande barulho mencionado, porém, tem sua existência compreendida somente ao final, quando é revelado tratar-se do grito de uma criança. O significado merece que a modulação da voz seja alta para remeter à ideia de grito, mesmo que isso só seja conhecido ao fim; portanto, sugerimos que o mediador empregue o recurso do grito sem explicar a razão da escolha. A aplicação desse recurso ampliará o sentido no momento do fechamento da história, tornando os campos expressivos que envolvem humor, ainda mais amplos do começo até o fim.

Logo no início da história, o texto demanda um tom de ironia e admiração; vemos isso na destruição de montanhas (p. 4 a 7), nas páginas que mencionam os polos da Terra (p. 8 a 11), e também com a perda das listras de um tigre (p. 12 a 15). Todos necessitam desse tom de graça, revelados pela entonação da voz. Já a notícia do grande estrondo transmitida pela TV, especificamente nas páginas 16 e 17, merece uma inflexão por parte do mediador, para que possa deixar claro que aquelas são palavras geradas a partir do aparelho de televisão que se encontra na ilustração.

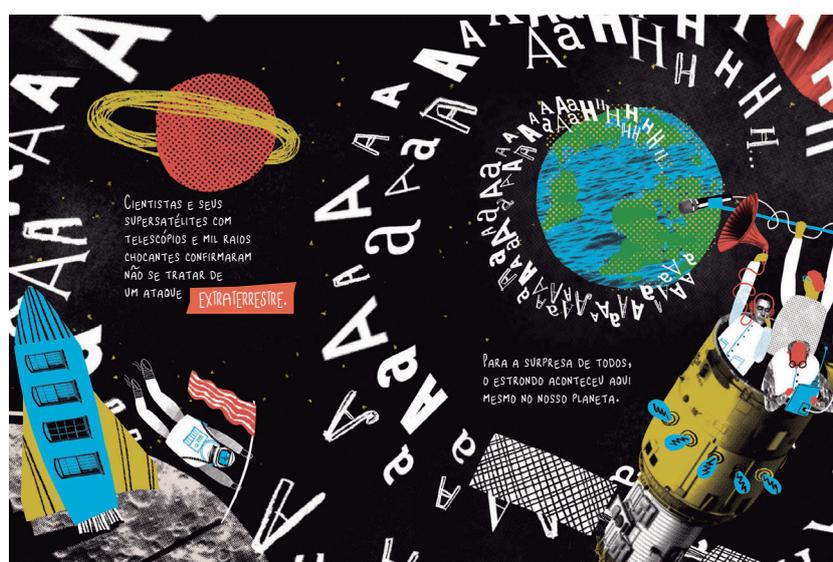


Texto e ilustração dialogam diretamente desde o princípio até o fechamento da história. Vale ressaltar que em muitas situações narrativas e de projeto gráfico de obras literárias para crianças é possível realizar a mediação sem necessariamente fazer uso concomitante das duas linguagens: texto e imagem, porém, no caso da presente obra, torna-se quase impossível sua apreciação no momento da partilha se dissociados.

O caso da notícia de televisão, mesmo necessitando ser destacada pela intenção narrativa que claramente merece uma apresentação em tom de noticiário, necessita da atuação do mediador para a leitura dessa imagem, que pode ser apresentada com o dedo indicador, apontando para a pequena imagem da televisão, bem como, pode ser apresentado por meio de um comentário feito pelo mediador, que, por pequenos instantes, sai do seu lugar de narrador e comenta o acontecimento narrado, gerando uma cumplicidade com seus ouvintes. Vale

ressaltar que se trata de um recurso que merece muita cautela para que não se perca o ritmo e a ambiência mágica da narrativa, tornando a mediação explicativa ou didática.

Ao apresentar palavras como supercomputadores, ultrapoderes, vulcões adormecidos (p. 18), sugere-se que, mais uma vez, a modulação enfatize a presença dessas palavras, seguidas de pausas relativamente alongadas, para que o desenvolvimento desse vocabulário, pouco comum ao cotidiano dos ouvintes, chegue de forma ainda mais enfática e expressivamente rica, tornando-se forte contributo para o enriquecimento do vocabulário dos ouvintes.



Especificamente nas páginas 20 e 21, em que se chega ao ápice do conflito da história e se transita para sua resolução, é possível a aplicação de pausas intencionais, de forma que os ouvintes percebam esse momento transitório da

narrativa. O destaque provocado por esse recurso merece uma maior intensidade no seguinte trecho: “aqui mesmo no nosso planeta”, de forma que os breves silêncios possam enfatizar um momento de grande descoberta.

Na página 23, o texto destaca a palavra “GRANDE”, dessa forma, ela precisa ser apresentada por meio de uma entonação de voz que favoreça essa compreensão de extremo tamanho.





Das páginas 25 a 27, a narrativa é feita por meio de perguntas. Sugere-se, então, que, além de empregar a entonação interrogativa, o mediador também possa aplicar uma pausa longa e dirija o olhar questionador aos ouvintes, enfatizando que essas perguntas estão realmente sendo endereçadas a eles.



Nas páginas 30 e 31, a onomatopeia do grito aparece de modo muito explícito na ilustração. Sugere-se que seja elevado ainda um pouco mais o volume da voz, bem como, que seja estendido o tempo de sua manifestação. Esse momento pede que a narração esteja acompanhada da exposição da ilustração, plena e demoradamente disponibilizada para as crianças, de forma a enfatizar que o barulho, de fato, estava tomando conta do mundo inteiro, como afirma o texto.



O conflito da história é resolvido na página 33, em que, finalmente, percebe-se que o barulho vinha de uma criança que gritava, enquanto o pai tratava de seu ferimento. Por ser a resolução do conflito e início do fechamento da narrativa, a pronúncia da voz do pai merece ser assumida de uma maneira muito enfática. Para tanto, sugerimos que a palavra “filho” seja pronunciada também com um pouco mais de elevação do volume e em tom carinhoso. Sugere-se um destaque especial para o som da campainha que aparece na página 34, também por meio da elevação da voz, já que se trata da transição para o desfecho.



A última página dupla (páginas 38 e 39) não apresenta nenhum texto, porém o impacto da multidão e toda a transformação provocada pelo grito da criança é mostrada na ilustração; portanto, merece ser longamente apreciada para ser apreendida pelas crianças.

Sugere-se deixar a imagem bem exposta por algum tempo, para que observem seus detalhes. Este será o encerramento da leitura e, ao mesmo tempo, o marco para a abertura da conversa mediada sobre a história que acabaram de ouvir, ampliando as possibilidades de sua compreensão, do enriquecimento do seu vocabulário e da ampliação dos seus campos de experiências.

# V — OUVINDO, VENDO E VIVENDO A HISTÓRIA

(LEITURA DIALOGADA)

*Nas asas da leitura  
o voo é livre,  
e a liberdade segura.*

Sissa Jacoby

Como entre o livro e o leitor existe a sedução, entendemos que formar leitores é seduzir pessoas a lerem para além da materialidade do livro. Sendo um leitor adulto, a sedução pode ocorrer de diferentes modos: um título sugestivo, uma capa atraente, um assunto desejado, uma resenha lida ou mesmo a indicação animada de alguém podem ser atrativos para trazer alguém à leitura por fruição. Sendo um leitor emergente, a sedução pode ser desenvolvida pelo entusiasmo com que se fala de um livro, por meio das conversas pré e pós-texto, dos olhares que se lançam durante a narrativa, do espaço escolhido para a leitura, das ilustrações partilhadas, da ambiência pensada para introduzir o livro, da voz que narra a história em voz alta, do que é vivido antes e após a leitura e de vários outros preparos sedutores.

Segundo Kleiman (1996, p. 24): “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”. A partir da reflexão da autora e seguindo as diretrizes da BNCC, que indica a necessidade de privilegiarmos a dimensão interacional, funcional, social e discursiva da linguagem com base no texto, o trabalho com literatura — pela própria natureza do texto literário e pelo lugar que ocupa na sociedade — deve contemplar atividades capazes de oportunizar, principalmente, situações de oralidade, de leitura, de compreensão e de diálogos sobre o texto partilhado, sempre investindo no prazer encontrado na relação empática com a obra.

Todas essas práticas favorecem o processo de letramento literário e ampliam o apreço pelo texto em espaços sociais de leitura. O recurso da leitura que promove diálogos pode ser vivido por meio de perguntas e respostas, entre professores e crianças, tanto antes como depois da leitura em voz alta, e torna-se importante para a ampliação dos sentidos de cada história. Ao ler o livro *Aaahhh!*, o professor-mediador pode fazer muitas perguntas às crianças:

- ▶ Quem aqui gritaria diante de um barulho estrondoso como esse?
- ▶ Na opinião de vocês, o que os vizinhos estavam pensando que era aquele barulho?

- ▶ Alguém grita de dor fazendo outro som?
- ▶ Se fosse seu pai ou sua mãe, o que fariam?
- ▶ Quem aqui conhece alguém que grite também muito alto e quando?
- ▶ Se você fosse o autor Guilherme Karsten, que outras coisas mudaria no mundo com o grito do menino?

Por meio dessas e de muitas outras questões, o mediador poderá explorar os aspectos interessantes desse texto tão envolvente, bem como poderá promover diálogos com outras obras, com as histórias de gritos que já ouviram, com os personagens de filmes ou outras histórias que também gritam, por exemplo. O que realmente consideramos importante enquanto recurso para uma proposta com literatura dialogada é o favorecimento da apreensão estética do texto literário, seja no momento da leitura em voz alta, na abertura dos momentos de conversação sobre a obra ou em qualquer outra situação social.



# VI — A HISTÓRIA E SEUS MÚLTIPLOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

## (MODELAGEM DA AULA)

Nesse trabalho de promoção de leituras fruitivas, propomos que o mediador apresente a história de forma que as crianças conheçam o universo de referência do texto e, ao mesmo tempo, desejem saber o que acontecerá. Trata-se, na verdade, de uma apresentação, um convite para que o livro comece a ser apreciado antes mesmo da sua leitura em voz alta; ou seja, a magia despertada antes de a história começar, na modelagem da aula.

### ANTES DA LEITURA

O momento inicial de contato com a obra vai além da sua predição, funciona como uma anúncio, um chamado para algo bom a ser vivido, ou seja, o início da condução às paisagens que cada história possui.

#### ESCUA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

A anúncio da história pode ser cantada: “Era uma vez uma linda história... Era uma vez... Era uma vez...”, ou pode ser feita por meio de perguntas, pela criação de adivinhas sobre a história e os personagens, apresentação da capa de forma enigmática, dicas sobre o enredo etc. Esses e muitos outros são convites para a entrada desse leitor-fruidor ao momento da apreciação.

### DURANTE A LEITURA

A organização de conversas mediadas, por exemplo, pode contribuir ainda mais para dar sentido ao texto, sendo capaz de ampliar, para seus pequenos apreciadores, o potencial empático de cada história.

#### ESCUA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Dialogar sobre a história, seja por meio das perguntas do mediador ou de múltiplas expressões das próprias crianças, remete-nos aos momentos dos encontros ancestrais, vivências em que todos falam e ouvem e, assim, são inseridos de forma igualitária e sob os olhares uns dos outros.

Em uma proposta dialógica, os participantes vão muito além do aprendizado individual, pois em uma roda de conversa embalada pela recordação da emoção vivida com a história, fazem-se leituras de mundo, de situações, de

normas, de comportamentos e sentimentos; por meio das conversas, as crianças aprendem modos próprios de pensar e de agir diante do mundo.

## DEPOIS DA LEITURA

Os momentos pós-texto são oportunidades de vivenciar a história e seus múltiplos campos de experiência.

### TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

Sugerimos que explore o potencial de criação das crianças também por meio de desenhos, peça que eles deem continuidade à história com novas imagens. Você pode aproveitar a proposta e solicitar que criem novos personagens, como vizinhos ou outros familiares do menino, por exemplo.

Grave o som de um grito muito alto e deixe tocar em um lugar da sala para que as crianças tentem descobrir a localização a partir da audição. Após isso, grave os sons de algumas crianças da sala falando o “aaahhh” e brinque de descobrir de quem é a voz.

### CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

Desenvolva uma atividade em uma sala espelhada ou providencie alguns espelhos. Caso não seja possível, adapte a atividade para o uso de apenas um espelho. Organize as crianças em círculo e proponha que descubram os sons que o corpo faz. Em seguida, elas devem olhar para o espelho e fazer os mesmos movimentos, alternando a velocidade e a intensidade.

Sugira a produção de sons com a boca aberta ou fechada, com as mãos batendo em regiões diferentes do corpo e várias outras brincadeiras percussivas.

Habilidades da BNCC  
mobilizadas: EI02EF04;  
EI02EF05; EI03CG01; EI03CG02;  
EI03TS02; EI03TS03.



## VII — CONTA DE NOVO: UMA HISTÓRIA DE AFETOS EM FAMÍLIA

(LITERACIA FAMILIAR)

*Essa ciranda não é minha só  
É de todos nós  
A melodia principal de quem tira  
É a primeira voz  
Lui Coimbra*

Compreendemos que a experiência que envolve literacia, narração oral e mediação de leitura certamente contribui para o desenvolvimento psicossocial da criança e colabora para dar sentido à experiência com o texto literário, favorecendo à criança a compreensão de vários aspectos referentes ao uso social da língua.

Literacia familiar promovida pelo(a) professor(a) nada mais é do que favorecer a oportunidade de as crianças apreciarem uma obra com sua família. Essa experiência provoca a alegria da partilha prazerosa de uma relação entre a escola e a família.

Para essa ação, sugerimos propostas que possam ser vivenciadas e retomadas na escola, a fim de que as crianças compartilhem suas vivências literárias em família:

**Família também escuta e conta história** — promova uma reunião com as famílias para apresentar o projeto de leitura literária para que elas possam se envolver e contribuir com o trabalho a ser desenvolvido. Leia histórias para os familiares e desenvolva propostas de oralização e interação verbal.

**Diário literário** — envie para casa um convite sugerindo à criança que, com a ajuda da família, registre, por meio de desenho ou de palavras, as impressões sobre o livro *Aaahhh!*, de Guilherme Karsten.

**Chuva de palavras** — envie uma proposta para a família instigar a criança a dizer livremente palavras e frases que expressem seus sentimentos e opiniões sobre o livro.

**Brincando de orquestra do corpo** — envie um copo para cada aluno. Peça que brinquem de fazer sons em casa com os familiares e solicite o registro desse momento em um cartaz, que será utilizado para a produção de um mural na sala de aula.

**No entorno da sua casa há barulho?** – proponha aos familiares que realizem com as crianças uma volta no bairro onde moram e levantem esses fatores sobre os barulhos diferentes: pessoas, animais e transportes. Peça que anotem as observações das crianças para que sejam discutidas na roda de conversa.

**Livro vai para casa também** – outra possibilidade de apreciação da obra no contexto familiar é solicitar que as crianças contem a história aos familiares, auxiliadas pelas imagens do livro. Da mesma forma que compreendemos que as ilustrações dão pleno sentido à história, os pequenos leitores emergentes conseguem muito bem partilhar o contexto narrativo por meio dessas imagens, favorecendo a interação do apreciador com a família, agora ocupando o lugar de narrador.

Habilidades da BNCC  
mobilizadas: EI03EO04;  
EI03CG01; EI03TS01; EI03TS02;  
EI03EF01; EI03TS03.

## VIII — PARA FECHARMOS A RODA COM REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*E a literatura é lida por gente grande e gente pequena, por gente alta e por gente baixa, por gente gorda e por gente magra... Por gente que, quando está por baixo, se sentindo piquitinho, pega dum livro e logo está alto-astral.*

Paulo Seben

A proposta aqui apresentada é que se possa investir nesse mediador, principalmente o que transmite a história oralmente, envolvendo a sonoridade das palavras, a expressividade gestual e as múltiplas competências empáticas e relacionais, em geral associadas apenas aos contadores de histórias profissionais e que aqui buscamos partilhar de forma acessível.

O investimento em estratégias para apreciação das imagens também foi proposto enquanto mais um campo de experiência narrativa, apresentadas como outro destaque da proposta, justamente por fortalecer elementos de apreciação e de enriquecimento do repertório cultural desse leitor emergente. A proposta também indica oportunidades de conversas mediadas, antes ou depois da partilha oral e da apreciação de cada obra, como mais uma forma de ampliar essas situações de mediação, em que toda a riqueza expressiva da narrativa partilhada possa ser contemplada a partir da participação significativa das crianças e do que se entende por literatura dialogada.

Para Antonio Candido (1995, p. 243), a literatura favorece o conhecimento do mundo e do ser, já que é uma forma de representação de uma dada realidade social e humana, principalmente quando afirma que ela “possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um ‘bem incompressível’, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”. A proposta por nós desenvolvida teve sua fundamentação pautada neste e em outros autores que sustentam o argumento teórico do texto literário como fruição, bem como o trabalho com narrativas orais como espaço de mediação, esperamos que todas essas vozes fortaleçam a sua.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.  
BROSSI, Priscilla. Um papo com Guilherme Karsten. **Revista Emília**, 2019. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/um-papo-com-guilherme-karsten/>; acesso em: 25 nov 2020.

- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 1997.
- DALLA-BONA, Elisa Maria. **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010.
- KAERCHER, Gládis. **E por falar em Literatura...** São Paulo: Artmed, 2001.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Ah! Mar**. Ilustração de André Neves. Belo Horizonte: RHJ, 2007.